

CRISTO REI DO UNIVERSO

1. Para fechar o ano litúrgico, a Igreja proclama a realeza de Cristo.

A solenidade de Cristo Rei foi instituída por Pio XI em 1925.

Pio XI foi o Papa da instituição do laicado, do apostolado da Acção Católica, da responsabilidade pela ordem temporal. A partir de Pio XI, os leigos começaram a assumir que tinham um papel extremamente importante na Igreja. A Acção Católica tinha a preocupação de formar, mas também de comprometer, no testemunho cristão essencial para a difusão do Evangelho. É neste contexto que foi instituída a solenidade de Cristo Rei.

2. Durante dezenas de anos, os militantes faziam neste dia o seu juramento na Catedral da sua diocese, com a afirmação de uma fé inabalável em Jesus Cristo, que queriam anunciar de todas as formas. Através dos leigos, a Igreja tinha intervenção na sociedade humana, informando-a dos valores da verdade, da justiça, da liberdade e do amor. A referência seria sempre Jesus Cristo, Rei e Senhor do Universo.

3. A liturgia deste dia, então, tem três dimensões: a profética, a histórica e a da plenitude.

O profeta Daniel anuncia o Senhor cheio de poder, honra e realeza (primeira leitura). Pilatos pergunta a Jesus se é Ele o Rei dos Judeus, ao que Jesus responde que o seu Reino não é deste mundo (Evangelho). O Livro da Revelação, o Apocalipse, dará a garantia do triunfo de Cristo no fim dos tempos (segunda leitura). Em todos os textos, porém, o que se celebra é a realeza de Cristo em todo o universo.

A PROFECIA DE DANIEL

4. Daniel tem, como todo o Povo de Deus, uma visão temporal. O Povo de Israel espera um Salvador. O profeta imagina um rei poderoso cheio de honra e glória. É a exaltação de uma realeza assim que seria compreendida pelo Povo de Deus em sofrimento. Muitos séculos iriam passar até surgir o verdadeiro Rei, com uma realeza que não é deste mundo.

A HISTÓRIA COM PILATOS

5. Uma das páginas mais belas do Evangelho está no diálogo entre Pilatos e Jesus, na proximidade de uma condenação injusta. Estão em confronto o medo e a hesitação de Pilatos, e a coragem e generosidade de Jesus, que se afirma capaz de sofrer a morte.

À pergunta de Pilatos se Ele é Rei dos Judeus, Jesus diz com toda a clareza que o seu Reino não é daqui, se o fosse estariam ali os seus exércitos para O salvar. A pessoa de Jesus não se enquadra na justiça do seu tempo. Foi condenado pelo tribunal religioso, dos sacerdotes, pelo tribunal presidido por Herodes, pelo tribunal político, com Pilatos que O interroga, pelo tribunal popular que grita: crucifica-O, crucifica-O. De facto, o seu Reino não é daqui.

6. Numa realeza diferente, Jesus, Rei do Universo dá a vida pelos pobres e pelos pecadores; pelos que continuam a sofrer, vítimas da pandemia, pelos milhões de trabalhadores que perderam o seu emprego e vivem tempos de muita angústia e de fome; pelos simiões que O ajudam a levar a cruz; pelas mulheres que choram a seu infortúnio, pelas mães que ficam de pé na adversidade; pelos centuriões que reconhecem que Ele é o Filho de Deus. Enfim, Cristo dá também a sua vida pela salvação desta Casa Comum que é a Terra onde vivemos, muito ofendida pela humanidade, não dispensando a quota-parte da cura que pertence aos governos e a cada cidadão.

A sua realeza é, de verdade, muito diferente. Por isso, só se realiza na Ressurreição.

A PLENITUDE

7. O Apocalipse é o último livro do Novo Testamento.

É preciso saber como Jesus se irá manifestar no fim dos tempos.

De facto, revelar-Se-á como o Alfa e o Ómega, o primeiro e o último, o princípio e o fim. Quem já parou diante do retábulo da Capela Sistina compreende que Jesus é Rei, o Senhor dos vivos e dos mortos. Miguel Ângelo traduziu com grande beleza e arte o poder glorioso de Jesus

Cristo. Os cristãos podem contemplar na última das profecias a certeza de que lhes está reservada a comunhão plena e perfeita com Cristo para lá do fim dos tempos.

Desejo a todos os amigos e amigas uma próxima semana repleta de bênçãos.

O autor não segue o novo Acordo Ortográfico.